

Cardoso assina hoje em Toronto o acordo da dívida com os credores

Toronto — O ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, e os representantes dos principais bancos credores do Brasil assinam hoje, aqui, o acordo de reestruturação e redução de US\$ 35 bilhões da dívida externa brasileira de médio e longo prazo. O ministro chegou ontem, no início da tarde, à capital financeira do Canadá, depois de passar o fim de semana em Nova Iorque.

No início da noite, estava previsto um encontro com o ministro canadense do Comércio, Roy McLaren, e em seguida uma homenagem com um jantar oferecido pelo governo de Ottawa. Hoje ele toma café da manhã com empresários e se reúne, depois, com William R. Rhodes, o vice-presidente do Citibank, o maior credor individual do País e coordenador das negociações do lado dos bancos.

A cerimônia de assinatura será realizada às 11h00 no hotel Four Season, a 10 quadras do Sheraton, o local onde há 11 anos e dois meses o mundo tomou conhecimento da crise da dívida do Terceiro Mundo, durante uma assembléia anual do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial.

O acordo, que foi negociado nos últimos dois anos e meio, substituirá um outro, que o governo Sarney firmou em setembro de 1988, para pôr fim à moratória que decretara em fevereiro de 87, e descumpriu em meados de 1989. Em princípio, o novo acordo deveria encerrar a "crise da dívida brasileira".

Mas, as dúvidas sobre a aceitação e implementação do programa de austeridade que Fernando Henrique apresentará esta semana ao País põem em dúvida este desfecho. Os

repetidos fracassos de sucessivos governos na eliminação do déficit fiscal, restauração do crédito público e contenção da inflação explicam o colapso dos acordos e as duas moratórias da dívida feitas pelo Brasil.

Embora a cerimônia de ontem represente um importante passo nos esforços do País para normalizar suas relações com a comunidade financeira internacional, a assinatura não é garantia de que o acordo vingará.

Para que isso ocorra, o Governo terá que, nas próximas semanas, convencer o Congresso, os agentes econômicos, a opinião pública brasileira e, finalmente, o Fundo Monetário Internacional sobre a consistência e viabilidade política de seu programa, algo que outras equipes econômicas não conseguiram.

Cansados da crise brasileira, os bancos estão interessadíssimos em concretizar o negócio. É com esse espírito que seus representantes celebrarão a assinatura do acordo, num almoço do qual participarão, além do ministro, o presidente do Banco Central, Pedro Malan (que negociou com os credores), o negociador demissionário André Lara Resende, e os embaixadores do Brasil no Canadá, Sérgio Duarte, e nos Estados Unidos, Paulo Tarso Flecha de Lima, que veio especialmente para a ocasião.

Mas, a debilidade política do governo Itamar e o efeito paralisante da investigação dos escândalos não inspiram confiança ou otimismo nos meios financeiros oficiais e privados americanos sobre as chances de sucesso da nova tentativa de estabilização da economia brasileira, que Fernando Henrique está para iniciar. (Paulo Sotero, da AE)



Cardoso: assinatura ainda não é garantia de que acordo vingará